

MENINOS, EU VI (OU “VIAGEM AO SOM DE UM TEMPO”)

A era dos festivais — *uma parábola* é um catatau de mais de quinhentas páginas, contando em ordem cronológica a história dos principais certames de música popular ocorridos entre 1965 e 1972. São sete anos, portanto, com alguns momentos de pico, o ponto mais elevado da curva da parábola a que se refere o título, que por sinal indica sentido duplo: a ascensão e a decadência daqueles eventos, e a história dos mesmos, contada como uma parábola, ou seja, um relato que deve abrir o livro à interpretação.

Quem conta um conto aumenta um ponto, diz o ditado popular, e o autor sabe disso. Embora tenha escrito “a história” dos festivais de música popular, Zuza Homem de Mello se coloca em posição modesta: a de quem conta “uma história” ou ainda melhor, a sua história daquele período (Zuza atuou na sonoplastia de festivais), provavelmente o mais instigante e explosivo da nossa música popular de todos os tempos. Embora compreensível, não cabe a modéstia. Ela pode ser debitada ao espírito reservado do autor, diga-se logo, um conhecedor e tanto da tradição musical brasileira (não faz muito tempo, Zuza publicou em parceria com Jairo Severiano, pela mesma editora, outro trabalho de consulta obrigatória: *A canção no tempo*).

Digo isto porque *A era dos festivais* constitui, sem som-

bra de dúvida, o mais detido e completo trabalho sobre o assunto. Fala-se muito dos festivais, e sabemos do papel importante que desempenharam na cultura musical brasileira da época. Mas faltava um trabalho de pesquisa como o que Zuza nos apresenta. O leitor brasileiro e, principalmente, os amantes da MPB agora dispõem de um quadro bastante completo, com as datas e os acontecimentos organizados numa longa narrativa de fundo proustiano. É isso mesmo: o autor sai em busca do tempo perdido e nos oferece uma história, a seu modo, exemplar, como devem ser as parábolas: houve um tempo em que a MPB podia ser fórum de um debate amplo, que incluía o local e o cosmopolita, a política e a vida social, a estética e a participação, o talento e a instrução. Bons tempos aqueles, e pena que duraram tão pouco!

Mas já que falamos em narrativa algo literária, merece nota o estilo solto e bem-humorado com que ela é conduzida, sem que se perca, entretanto, a seriedade que marca o autor em matéria de tratamento da música popular: Zuza Homem de Mello é músico de formação, além de jornalista, técnico de som, radialista, diretor e produtor musical. É do ramo, e ninguém mais tarimbado que ele para abrir os arquivos — os de fato e os da memória — e dar ao público, num texto bastante

A ERA DOS FESTIVAIS — UMA PARÁBOLA. ZUZA HOMEM DE MELLO. [SÃO PAULO: EDITORA 34, 2003, 528 P., COLEÇÃO “TODOS OS CANTOS”].

documentado e envolvente, disposto em vasta crônica, a história dos festivais da tv Excelsior, da Record e da Globo, os que realmente contaram, em meio a vários outros também rememorados no livro.

Para quem não se lembra direito, no final de 1968, às vésperas do famigerado AI-5, o baiano Tom Zé venceu o festival da Record, naquela altura em sua quarta edição, com uma canção que homenageava a capital paulista. Era “São, São Paulo, meu amor” Digo “era” porque a canção não ficou. Os paulistanos não têm até hoje uma canção que identifique a cidade com a clareza e a popularidade da marchinha “Cidade maravilhosa”, gravada nos anos 30 e transformada em hino oficial do Rio de Janeiro. Mas há “Sampa”, bradarão alguns. De fato, a canção de Caetano Veloso, que apareceu uns dez anos depois da de Tom Zé, deu um passo à frente no preenchimento da lacuna. É superior à do outro baiano, embora não seja, e talvez não possa ser, realmente popular como a marchinha carioca.

Mas o que interessa é o seguinte: a certa altura Tom Zé dizia, entre outras coisas relativas à cidade, que nela se dava “um festival por quinzena” O exagero da expressão não deixava de proceder. Em 1968 houve mesmo uma avalanche de festivais. A fórmula dessas competições, convertidas em programas de televisão, vivia o

seu apogeu: enchia auditórios, dava audiência e atraía bons patrocinadores. É evidente que o acúmulo de concursos levaria o esquema à saturação. Estava claro que os festivais eram produto da mídia, e que a linha da parábola não tardaria a descer. Todavia, convém frisar, nem tanto pela falta de interesse pelas disputas musicais quanto pelo esvaziamento do repertório, muito afetado pela ausência de músicos que, tendo alcançado a fama, já não precisavam se aventurar nas competições, usando os festivais para projetar o seu talento nacionalmente. Isto sem contar o fato de que o governo militar, atento à audiência e à empolgação dos programas, e percebendo que certas canções podiam contestar vivamente as promessas do regime, passou a gerir, através da censura, as letras das canções, mandando cortar as mensagens que não convinham ao “país renascido” do golpe de 64. Era o começo do fim. O que se seguiu nem de longe poderia se equiparar ao que os festivais haviam produzido em 1967 e 1968. A linha descendente da parábola parecia ser mesmo inevitável.

De certa maneira, tais acontecimentos são bem conhecidos. Quem viveu o período nada de braçada no enredo proposto pelo autor. A novidade, porém, está na maneira como ele narra essa história, ano a ano, festival a festival, cada um com sua própria história. É aí que avul-

tam as qualidades do pesquisador e do cronista, do homem experiente que conhece por dentro a matéria narrada, digamos, um patrimônio próprio, dos que a protagonizaram, e de todos nós. No meu entender, este cruzamento de experiências é o ponto alto do livro. O leitor acompanha, por exemplo, a expansão dos bares e segue o mapa da vida boêmia da São Paulo do início dos anos 60, espécie de caldo de cultura onde germinariam os primeiros festivais. Vinham dali, da noite agitada e glamourosa, inúmeros intérpretes, músicos e compositores que esquentariam os concursos. Desse modo, os seus organizadores tinham a matéria-prima que viabilizaria sem maiores problemas o seu intento: promover certa vertente da música popular que navegava na calmaria deixada pela Bossa Nova, revelar novas caras para o *show-business*, e aquecer a programação da TV com vistas a bons faturamentos.

Por trás da cena, onde a acirrada competição parecia ser tudo, os festivais foram um produto vendido pela televisão aos anunciantes que, através deles, vendiam seus produtos. Por um lado, eram programas como qualquer programa de televisão (ou de rádio). Por outro, não. Eram vitrines para artistas iniciantes, para alguns veteranos já meio postos de escanteio, para talentos medianos escondidos nos escaninhos da noite ou

das rodas universitárias, e mesmo para astros consagrados em busca de prêmios e divulgação junto à massa. Mas o fato é que os festivais movimentavam a mídia. Nelson Rodrigues, Sérgio Porto, Augusto de Campos, Carlos Drummond de Andrade e outros se ocuparam do assunto, o que dá a medida de que os certames não passavam despercebidos de ninguém. Daria para pensar em algo assim, em termos de MPB, nos dias de hoje? Certamente não.

Seria desnecessário lembrar a plêiade de compositores desabrochados para as multidões naquelas extraordinárias noitadas musicais, mas eu gostaria de mencionar apenas seis nomes revelados e consagrados entre 1965 e 1967 (o leitor veja bem: em apenas dois anos!). São eles: Edu Lobo, Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Milton Nascimento. Como se vê, estamos falando de parte da nata da MPB pós-bossa nova. É bem possível que o talento desses homens tivesse florescido com ou sem os festivais, mas é preciso notar que as competições contribuíram para que os seis saltassem da noite para o dia do anonimato, ou da divulgação restrita de suas composições, para a condição de celebridades. Há mais, entretanto: dois dentre os seis não foram mais os mesmos desde que terminou a era dos festivais. Edu Lobo e Geraldo Vandré são artistas ainda

prestigiados, mas nem de longe dispõem da popularidade de que desfrutavam naqueles tempos de competições febris. Nem um nem outro comporia mais canções com a levada e o apelo popular de “Ponteio” ou “Disparada”, de “Caminhando” ou “Arrastão”, quatro pérolas premiadas em festivais.

Mas podemos explorar um pouco mais a lista, abrindo a conversa para outro aspecto importante: dos seis músicos, somente um não foi revelado em São Paulo. Conforme nos conta Zuza Homem de Mello, Milton Nascimento buscou vida artística na Paulicéia, mas só floresceu no Rio, onde apresentou “Travessia”, outra pérola dos festivais. Isto nos leva à clássica divisão entre as duas metrópoles brasileiras. Em matéria de festival, São Paulo falou primeiro e mais alto, pois foi aqui que aconteceram os festivais mais empolgantes, ou seja, os da extinta Excelsior e, sobretudo, os da Record, com os quais os realizados pela Globo carioca não competiam no mesmo pé. São Paulo parecia ser mesmo a Meca da MPB naqueles meados dos anos 60. A TV Record, onde Zuza trabalhou, era o templo da vida artística. Pagava bem aos seus contratados mais expressivos, e seus musicais gravados ao vivo eram a coqueluche da televisão.

A moçada de hoje, criada na frieza e na distância do vi-

deoclipse, e acostumada ao papel subalterno que a música desempenha na programação televisiva, talvez não imagine que se podia ligar o aparelho para ver e ouvir Elis Regina, Elizeth Cardoso, Cyro Monteiro, Isaurinha Garcia, Elza Soares, Orlando Silva, Aracy de Almeida, Wilson Simonal, Roberto Carlos e muitos outros cantando ao vivo, para uma platéia de pagantes, em espetáculos gravados nos teatros, de onde se transmitiam aqueles musicais. Deve ter havido ali uma combinação inusitada, tão instigante quanto complexa, de interesses. Como se tornou possível aquela convivência tão produtiva entre a TV, os músicos e o mercado? A questão permanece em aberto e certamente ainda vai dar muito o que falar. A explicação de Zuza é amorosa: “o espectador do canal 7 era uma pessoa encantada com a música, uma pessoa que tinha prazer em ouvir música, que se interessava por música, que discutia e participava do que acontecia na música. Esse era precisamente o público dos festivais” (p. 366).

O fato de ser um músico que acompanhou por dentro os festivais dá ao livro um sabor todo especial. Zuza se detém em várias canções para abordar a sempre difícil combinação de letra e melodia (sem se esquecer dos arranjos e das interpretações). Mas não se perde em tecnicismos tantas vezes estéreis. Suas observações são

na maioria inteligíveis ao leitor comum. Mais que isto, sua experiência o autoriza a separar com propriedade o joio do trigo, de modo que, através de Zuza, podemos tomar conhecimento das melhores peças apresentadas naqueles certames musicais. No fundo, ele procede como um jurado que, seguro na distância do tempo, pode avaliar o repertório de toda uma época. É assim que elege “Disparada” a melhor canção dos festivais. A eleição pode ser polêmica, como em geral eram polêmicas certas decisões tomadas nos festivais. Para nós, entretanto, o resultado não importa muito, porque, para eleger “Disparada”, o experiente jurado deve ter levado em consideração “Ponteio”, “Domingo no parque”, “Roda-viva”, “Alegria, alegria”, “Eu e a brisa”, “Travessia” “Sabiá”, “Caminhando”, “Andança”. A simples existência dessas composições no cancionário brasileiro já justifica escrever uma história dos festivais de MPB dos anos 60; essas e outras canções, que por certo estenderiam a lista ao fim da página, de fato, fizeram valer uma era.

Nem de longe eu teria condições de revelar aqui toda a riqueza do trabalho em questão. Caberá ao leitor descobrir mais coisas. O que fiz foi garimpar alguns aspectos desse livro importante. Não mencionei, por exemplo, a precisa reconstituição do contexto político da

época, as divertidas histórias de bastidores, as notas sobre a perversidade da indústria televisiva, o oportunismo e as intrigas dos artistas. Nem mencionei aquelas três cenas que se tornaram ícones da era dos festivais: o violão quebrado e atirado ao público por Sérgio Ricardo, a tempestuosa apresentação de Caetano Veloso no TUCA, a mais sonora vaia recebida por um grande artista (Tom Jobim), no festival de 1968. Tudo isso (e muito mais) o leitor poderá conferir neste livro que parece um “livro da vida”, a vida inscrita na canção por Zuza Homem de Mello.

Joaquim Alves de Aguiar é professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP; autor de *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava*. [Edusp-FAPESP, 1998].